

SOU UM CADERNO ABERTO / FALO NAS ENTRELINHAS

Vende-se.

*Eu vendo meus defeitos!
Vendo esses dias secos,
Vendo meus pés no chão.
Vendo minha indecisão.
Meus problemas com e sim e não,
Troco por mel ou pão;*

*Eu vendo essa fome tanta,
Minha coleção de tampas
E o meu violão.
Vendo minha falta de talento,
Essa letra feia
E de quebra, minhas duas mãos;*

*Eu vendo meus olhos cegos.
O meu quarto escuro.
Vendo até meu ego!
Ofereço-te 3 sonetos,
Uma pá e um espelho.
Eai, tu aceita ou não?/[...]*

Eu nasci e cresci neste lugar, Nordeste, Sertão e Ribeira do Velho Chico. Cresci ouvindo na voz Luiz Gonzaga a história da ponte que nos une, Pernambuco/Bahia, e ouvi também muitos discursos de que esta fronteira nos separa.

Se o artista contemporâneo pensa seu trabalho ao articular tempo, política e meio, eu assumo a minha responsabilidade de reconhecimento como cidadã nativa do Vale do São Francisco, onde proponho novos modos de repensá-lo e revê-lo, utilizando dos *cadernos/livros de artista* como lugar de fala.

Foi assim, portanto, que nasceu este trabalho por meio de coletas de imagens do cotidiano, de rotinas, de percas e ganhos, das partes espalhadas de quem eu sou e por onde transito e habito. Nesses lugares móveis, construo investigações estéticas e políticas, cuja pesquisa centra-se na criação poética, na curiosidade que me leva a investigar quem somos nós? Ribeirinhos do Vale do São Francisco – Mas, como nos identificamos com este território, e como, através deste território que habitamos, criamos nossa própria imagem cultural/identidade pessoal? Percebo que o meu “eu” emerge do outro e, este, está nas entrelinhas do que brota desse investigar curioso.

Os estudos não partiram de lugares científicos, nem de padrões acadêmicos. O laboratório acontecia na rua, assim, o desenvolvimento poético esteve condicionado às necessidades das falas artísticas que foram surgindo, das relações orgânicas entre Arte/

Ciência/Pesquisa.

Cada *caderno/livro* que se materializou, gerou um conjunto de imagens que representam uma parte pequena deste vasto território, entendendo o território simbólico que há em cada um de nós. Também parte de uma incessante construção de afirmação entre Arte e pesquisa, assumindo, portanto, sua capacidade didática, educativa e política. A obra de Arte, produto que resulta dessa investigação, não se finda, mas desloca-se entre lugares e pensamentos, coloca-se enquanto protagonista do pensar, por meio de uma proposição contemporânea, cuja identidade ribeirinha no sertão, assume uma perspectiva fora dos limiares da visão estereotipada midiática.

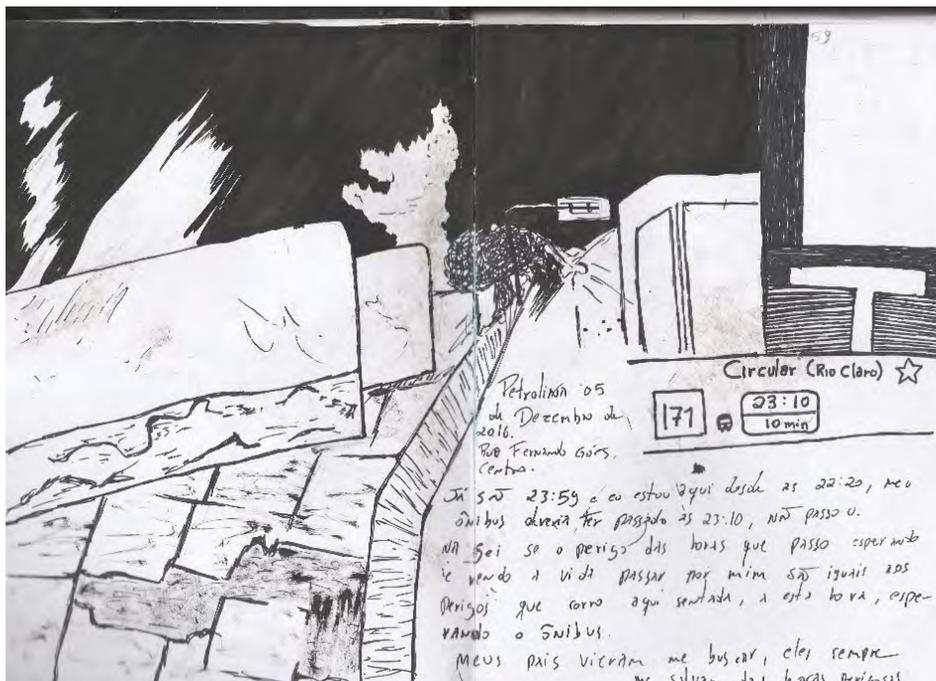
O termo “*identidade*” chegou a mim como um chamado a pensar sobre imagens que representam o universo do artista e o público que entra em confronto direto com elas no espaço geográfico. Das trocas, diálogos e vivências, surgiram imagens que se materializam no objeto que utilizo para comunicar-me, por meio de palavras, pensamentos, localizações, devaneios e andanças.

Meu trabalho artístico está em compor imagens daquilo que sou, vivo e sinto a partir do outro, descentralizando-me num convertimento em produto do meio.

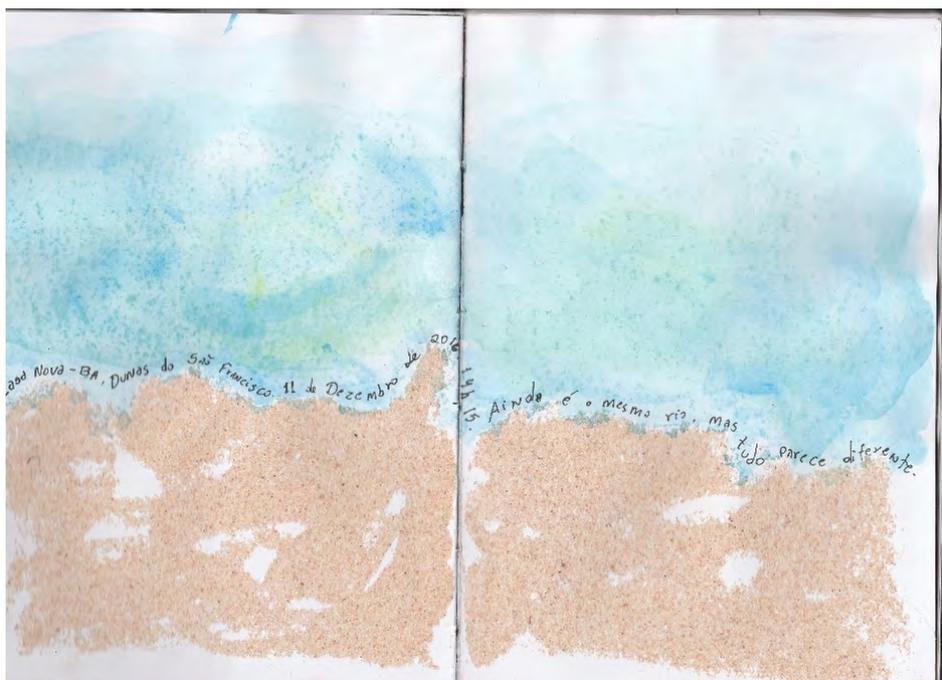
Morgana Caroline.



Petrolina, 25 de Novembro de 2016, Praça Dom Malan, 16h53min. “A praça está cheia, movimentada. Pessoas falam no celular, mas não se notam, não se vêem. Eu observo o tempo que passa, passam por mim e não param.”



Petrolina, 05 de Dezembro de 2016, Rua Fernando Góes, Centro. “Já são 23h59min e eu estou aqui desde as 22h20min, meu ônibus deveria ter passado as 23h10min, não passou. Não sei se o perigo das horas que passo esperando e vendo a vida passar por mim são iguais aos perigos que corro aqui sentada, a esta hora, esperando o ônibus.”



Casa nova – BA, Dunas do São Francisco, 11 de Dezembro de 2016, 14h15min. “Ainda é o mesmo rio, mas tudo parece diferente.”



Herbário feito com coleta de plantas da vegetação ruderal, consideradas como “mato”



